

Direcção Geral do Ensino Primário e Normal

Decreto n.º 16:730

Tendo-se reconhecido a necessidade urgente de modificar os programas para o ensino primário elementar que fazem parte do decreto n.º 16:077, de 26 de Outubro de 1928, no sentido de os simplificar;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 12:740, de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15:331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta do Ministro da Instrução Pública:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º A partir do ano lectivo de 1929-1930 considerar-se hão em vigor os programas que fazem parte integrante deste decreto e vão assinados pelo Ministro da Instrução Pública.

§ único. Para completa elucidação dos programas publicar-se hão o relatório e as instruções pedagógicas respectivas.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro da Instrução Pública assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 13 de Abril de 1929. — ANTÓNIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *Gustavo Cordeiro Ramos*.

Relatório

Com a organização destes programas não se pretendeu fazer uma reforma no sentido já gasto e desacreditado da palavra: deu-se um passo mais no caminho das simplificações, cuja necessidade todos reconheciam, tendo-se alterado também a distribuição das disciplinas pelas diversas classes do curso primário. Conservando-se o regime das quatro classes, pode dizer-se, dum modo geral, que nas três primeiras se ministra o ensino propriamente elementar — ler, escrever e contar correctamente — e na 4.ª classe um ensino complementar que forneça os conhecimentos indispensáveis a todos aqueles que não possam continuar os seus estudos.

Quasi se não modificaram as instruções pedagógicas elaboradas pela comissão organizadora dos programas decretados em Outubro de 1928, introduzindo-se-lhes apenas uma ligeiras alterações de acomodação aos novos programas.

Programas

1.ª classe

Língua materna

Palestras educativas sobre cousas do ambiente da criança, tanto familiar como escolar.

Correcção da pronúncia e em geral da expressão.

Comêço da aprendizagem da leitura e da escrita.

Aquisição do vocabulário mais usual.

Breves leituras feitas pelo professor reproduzidas verbalmente pelas crianças.

Aritmética

Números dígitos concretizados. Números concretizados até 100. As quatro operações concretizadas em objectos.

Desenho

Desenho livre. Cópia do natural de formas simples, baseada em objectos vulgares fáceis de representar. Emprêgo do lápis de cor.

Moral

Palestras e leituras morais muito simples. Formação dos bons hábitos (limpeza, ordem, pontualidade, delicadeza, etc.).

2.ª classe

Língua materna

Continuação das palestras educativas e conversações em que os alunos vão tendo parte cada vez mais activa.

Continuação da leitura, que irá passando de hesitante a corrente, com explicação do sentido das palavras. Desenvolvimento da escrita.

Continuação da aquisição do vocabulário.

Início da composição escrita: frases simples e de fácil ligação.

Reprodução de pequenas composições literárias em harmonia com a idade infantil.

Aritmética

Números inteiros até o máximo de seis algarismos.

As quatro operações.

Noção concretizada de fracção ordinária, cujos termos não excedam dez.

Representação numérica do dinheiro português.

Numeração romana de I a XXX.

Leitura do relógio: horas e minutos.

Exercícios e problemas simples.

Desenho

Desenho livre. Cópia do natural dos objectos de uso comum de forma simples. Emprêgo do lápis de cor. Exercícios de desenho de memória.

Moral

Conversas familiares. Narrativas e contos morais. Principais deveres do aluno: amor aos pais, aos irmãos, à família, ao professor, aos condiscipulos, etc. O respeito pelos inimigos.

3.ª classe

Língua materna

Leitura corrente, já bastante expressiva, dos trechos de lição, e escrita desembaraçada.

Início da gramática: o substantivo, o adjectivo, o pronome, o verbo, o advérbio, a preposição, a conjunção e a interjeição.

A flexão nominal e a verbal.

Exercícios simples de redacção, de preferência sobre a lição explicada que a isso mais se prestar.

Continuação de aquisição do vocabulário.

Exercícios de memória: recitação de pequenas composições literárias.

Aritmética

Números inteiros. Condições de divisibilidade por 2, 3, 5, 9 e 10.

Fracções decimais. As quatro operações com fracções decimais.

Sistema métrico: noções práticas das diversas unidades de medir e pesar.

Sistema monetário português.

Números ordinais.

Numeração romana (continuação).

Exercícios de cálculo mental. Exercícios e problemas simples.

Geometria

Noções simples de volume, superfície, linha e ponto. Linha recta, quebrada e curva; vertical, horizontal e oblíqua. Rectas perpendiculares e paralelas. A régua.

Ângulos. Bissetriz. O esquadro.

Triângulos e quadriláteros. Polígonos regulares. Decomposição do polígono em triângulos ou em quadriláteros e triângulos.

Circunferência. Raio. Diâmetro. Corda. Tangente. Secante. Segmento, sector e coroa circulares. Circunferências concêntricas e excêntricas; circunferências secantes e tangentes. O compasso.

Exemplificações do cono, do cilindro, do cubo e da esfera.

Exercícios e problemas simples.

Desenho

Desenho do natural de objectos de uso comum de formas mais complicadas. Emprêgo do lápis de cor. Exercícios de desenho de memória e de ilustração. Emprêgo da régua, do esquadro e do compasso; traçado de rectas paralelas e perpendiculares, e da circunferência.

Geografia

Parte geral.—Pontos cardeais e colaterais, noções muito simples de orientação pelo Sol, pela Estrela Polar, pela bússola e pelo relógio.

Estudo dos aspectos por que se apresentam os vários accidentes da superfície terrestre, partindo da observação do local; montanhas, vales, planícies; correntes de água, lagos, mares e oceanos; costas, penínsulas, enseadas, baías, golfos, continentes e ilhas, etc.; indicação da representação no mapa.

Idea muito simples da Terra e dos astros: estrêlas, planetas, cometas.

Estudo da superfície terrestre: idea muito geral dos continentes e oceanos.

Indicação no mapa dos seguintes Estados e suas capitais: Portugal, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha e Brasil.

Situação do Brasil. Sua área e população comparadas com a área e população de Portugal, à vista de gráficos. Importância do Brasil para Portugal.

Moral

As principais virtudes individuais: temperança, amor ao trabalho, sinceridade, modéstia, coragem, tolerância, bondade, asseio, ordem, economia, confiança em si próprio, prudência e honra.

4.ª classe

Língua materna

Leitura expressiva, com resumo e interpretação dos trechos lidos.

Enriquecimento do vocabulário: uso do dicionário da língua.

Noções de análise: a oração e os seus elementos; o sujeito, o predicado, os complementos; orações principais e subordinadas; a coordenação e subordinação das orações; espécies de orações coordenadas e subordinadas; noções muito elementares de fonética e morfologia: o fonema, a sílaba e as palavras; regras mais gerais da acentuação e pontuação.

Continuação dos exercícios de redacção com tópicos

dados e tema livre; cartas, telegramas, recibos, declarações, requerimentos, exposições, etc.

Resumo oral de leituras realizadas e de lições explicadas.

Exercícios de recitação.

Aritmética

Fracções ordinárias. Conversão da fracção ordinária em decimal e *vice versa*. Simplificação de fracções. As quatro operações com fracções ordinárias.

Números complexos e incomplexos. As quatro operações com complexos, com aplicação apenas à medida do tempo e às divisões da circunferência.

Sistema métrico; aplicações práticas das diversas medidas. Conhecimento das balanças decimal, centesimal e romana.

Exercícios e problemas.

Geometria

Noção sumária e prática sobre a medida dos arcos. Transferidor.

Avaliação prática da superfície dos polígonos.

Exercícios e problemas simples.

Desenho

Desenho simples de plantas e animais. Cópia de modelos e do natural, quando for possível. Emprêgo do lápis de cor e de tintas. Exercícios de desenho de memória e ilustração. Emprêgo do transferidor: modição de ângulos.

Geografia

Portugal e colónias.—Portugal continental. Situação, limites, área. O solo: sistema orográfico, vales e planícies; rede hidrográfica, costas e portos. Noção muito simples e geral do clima. Fauna e flora. População (cidades e vilas mais importantes). Principais centros de produção agrícola, industrial e de comércio; vias férreas e de navegação.

Ilhas adjacentes: Madeira e Açores. Situação (indicação no mapa). Relêvo, rios, costas e portos. Clima, fauna e flora. População. Cidades e vilas mais importantes. A Ilha da Madeira como centro de turismo. Produtos agrícolas e industriais; valor das ilhas na vida nacional.

Colónias. A área colonial portuguesa comparada não só com a dos outros países coloniais, como com a de Portugal continental, à vista de gráficos. Comparação da área de cada colónia com a do continente, à vista de gráficos. Indicação, no *mappa mundi*, das colónias portuguesas. Estudo muitíssimo geral de cada uma das colónias portuguesas. Frisar o seu valor económico (principais produções agrícolas, industriais e minerais).

História

O condado portucalense (D. Henrique e D. Teresa). A independência de Portugal (D. Afonso Henriques. Egas Moniz).

Fundação da nacionalidade portuguesa (1143).

A instrução nos primeiros tempos da monarquia (Santo António de Lisboa).

Alargamento do território (D. Afonso Henriques a D. Afonso III) Tomada do Santarém, Lisboa e principais praças ao sul do Tejo (Mem Ramires, Geraldo sem Pavor, Gonçalo Mendes da Maia). Conquista definitiva do Algarve.

Povoação das terras conquistadas (D. Sancho I).

O clero, a nobreza e o povo. Os concelhos.

Medidas de fomento e instrução. A marinha, a agri-

cultura, o comércio e a indústria; fundação da Universidade (D. Dinis e D. Fernando).

Colaboração de Portugal na defesa da península. A batalha do Salado.

Lutas com Castela. Casamento de D. Beatriz com D. João I de Castela.

Série cronológica dos reis da 1.^a dinastia.

Interregno. O problema da sucessão. Revolta do povo de Lisboa (D. Leonor Teles e Andeiro).

A defesa do reino. O Mestre de Avis e D. Nuno Álvares Pereira. As Córtes de 1385. Aclamação de D. João I (Dr. João das Regras). Confirmação da independência. Aljubarrota e Valverde.

D. João I, D. Filipa de Lencastre e seus filhos. Aliança inglesa.

Expansão de Portugal além-mar. Conquista de Ceuta. Descobrimentos e conquistas (Infante D. Henrique). O desastre de Tânger (D. Duarte e D. Fernando).

A regência de D. Pedro. Alfarocheira.

Conquistas ao norte de África (D. Afonso V).

Descobrimentos marítimos (Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral).

Primeira viagem de circunnavegação (Fernão de Magalhães).

A obra das missões no Oriente e no Brasil (S. Francisco Xavier, Padre Anchieta).

As conquistas no Oriente (Afonso de Albuquerque, D. João de Castro, etc.).

Esplendor das ciências, das artes e das letras (Pedro Nunes, Garcia da Horta, Luís de Camões). Reforma da Universidade.

Cardeal D. Henrique. Série cronológica dos reis da segunda dinastia.

O Prior do Crato.

O Governo do reino. O clero, a nobreza e o povo.

Domínio dos Filipes; seus efeitos na vida portuguesa.

A restauração da independência (1640). Consolidação da independência (D. João IV e D. Afonso VI). O Padre António Vieira. O Conde de Castelo Melhor.

O governo de D. Pedro II; paz com a Espanha. Guerra da sucessão; o Marquês das Minas entra em Madrid.

Engrandecimento do poder real (D. João V e D. José). As grandes construções: aqueduto das águas livres, convento de Mafra.

O Marquês de Pombal. Reconstrução de Lisboa.

Governo de D. Maria I. Academia Real das Ciências. Biblioteca de Lisboa.

As invasões francesas. Importância política da saída da corte para o Brasil.

As ideias liberais. A revolução de 1820.

A independência do Brasil (1825).

As lutas liberais. D. Pedro e D. Miguel (Duques de Palmela, da Terceira e de Saldanha, Mousinho da Silveira).

As grandes explorações africanas.

A sociedade portuguesa nos fins do século XIX.

Série cronológica dos reis.

A República (1910). A Grande Guerra. Reacção contra o parlamentarismo.

Sciências naturais

Os animais, as plantas e os minerais (noções muito práticas para a sua distinção).

Descrição sumariíssima do corpo humano; comparação com os outros animais; a fala como principal carácter de distinção entre o homem e os animais.

Pequeno estudo descritivo das plantas vulgares e seus órgãos fundamentais; raiz, caule, folhas, flores e frutos.

Conhecimento muitíssimo sumário dos terrenos de Portugal: graníticos, argilosos, calcáreos. Conhecimento sumariíssimo e prático dos minérios mais importantes de Portugal; jazigos mais importantes.

Moral e educação cívica

A consciência moral. O carácter. Deveres gerais de caridade, de justiça e de solidariedade. A soberba, a avareza, a cólera, a gula, a preguiça, a inveja, a maledicência, a calúnia, a leviandade, a perfídia, a teimosia e outros defeitos em oposição às virtudes que dignificam o homem. Principais deveres para com a família e a Pátria.

Noções elementaríssimas sobre organização política, administrativa e judicial de Portugal: a freguesia, o concelho, a comarca, o distrito, o Estado.

O cidadão, os seus direitos e os seus deveres. O culto da bandeira nacional. O valor moral e material das nossas colónias, devendo salientar-se a responsabilidade civilizadora de Portugal para com o seu império colonial.

Como deve o cidadão português prezar o Brasil. Frisar a excepcional importância que este País tem para Portugal, sob vários aspectos, não esquecendo que a língua portuguesa, por intermédio do Brasil, ocupa já um lugar de destaque mundial ao lado do francês, do inglês e do espanhol.

Para todas as classes

Caligrafia. — Cópia de bons exemplares em bastardo e bastardinho, cursivo e cursivinho, convenientemente graduados.

Trabalhos manuais. — Modelação livre. Modelação de objectos muito simples de uso comum. Dobragem e colagem. Cartonagem. Recorte do papel. Trabalhos em madeira, a canivete.

Educação física. — Exercícios da cabeça e do tronco, dos braços e das pernas. Exercícios respiratórios. Jogos educativos aplicados em especial à educação dos sentidos.

Canto coral. — Rodas e cantos muito simples, a uma voz, aprendidos por audição. Exercícios corais de uma voz. O hino nacional.

Trabalhos manuais para o sexo feminino

1.^a classe. — Ponto de malha.

2.^a classe. — Iniciação da costura, dos diversos pontos em peças de vestuário de bonecas. Emprêgo do dedal e da agulha.

3.^a classe. — Trabalhos de lã, malha. Ponto atrás, ponto adiante, ponto de bainha, pontinho, bainhas abertas, viezes, serzido. Ponto de mosca. Iniciação de croché e liga. Emprêgo das agulhas de meia e de croché. Flores em papel, sem emprêgo de cola e arame.

4.^a classe. — Aperfeiçoamento dos exercícios anteriores. Passajar, casear, remendar, frangir e marcar. Meias e seu conserto. Bordados a branco, matiz e tule. Iniciação do corte. Toucas, babadouros, camisinhas. Coser à máquina sempre que houver ensejo. Renda de bilros nas localidades em que houver esta indústria.

Palestras educativas e lições de cousas sobre física, higiene, agricultura e economia doméstica

O professor fará obrigatoriamente palestras e lições de cousas adequadas à idade e sexo das crianças sobre os pontos indicados nas instruções respectivas, e com maior insistência sobre os de higiene.

Instruções

Observação preliminar

As disciplinas das três primeiras classes constituem a verdadeira base do ensino primário. Nenhum aluno deverá transitar da 3.^a para a 4.^a classe sem saber ler, escrever e contar correctamente. Todos os cuidados e toda a dedicação do professor são absolutamente necessários na primeira instrução das crianças.

Língua materna

1.ª classe

As palestras educativas tomarão por base qualquer assunto sobre cousas ou factos observados. Geralmente, as crianças devem resumir ou repetir o que ouvirem. Chamar-se há a atenção delas para os aspectos mais interessantes e úteis das cousas, aspectos que, tendo em mira disciplinar-lhes os sentidos e a atenção, se forcejará por lhes fazer descobrir.

A linguagem empregada será simples, mas nunca descuidada; sempre viva e atraente, sempre lógica e correcta. Cada aluno intervirá na devida altura, e, com as correcções da pronúncia e da sintaxe feitas pelo professor, as crianças ir-se-ão habituando cedo à expressão ligada e coerente, própria, desembaraçada e correcta.

Ir-se há fazendo a aquisição simultânea da leitura e da escrita, e a leitura da letra manuscrita deverá ir acompanhando logo a dos caracteres impressos. Sendo possível, convirá iniciar a ambidextria.

O professor pode escolher os processos e sistemas que mais lhe agradarem, e dos quais possa tirar mais proveito.

No ensino da escrita não deve descurar-se a boa posição do corpo, a forma de segurar a caneta, a posição a dar ao papel, segundo o sistema da letra que o professor queira adoptar.

Para esse efeito convém que a criança execute repetidos exercícios com lápis de lousa, lápis de papel ou caneta, na ardósia ou em papel, sempre sob a vigilância do professor.

A aquisição do vocabulário, em geral muito restrito nas crianças, convém que comece cedo e se desenvolva gradualmente, acompanhando as faculdades de observação e memória da criança.

Deve limitar-se às palavras mais usuais e simples, traduzindo cousas bem conhecidas dos alunos.

As frases construídas devem ser muito curtas e simples para que seja fácil a sua construção correcta. Não deve a criança desconhecer a significação de nenhuma palavra que empregue, e cedo deve acostumar-se a usar uma boa dicção e a devida ortografia.

2.ª classe

As palestras educativas seguirão as normas das da 1.ª classe: simplicidade de dicção, mas expressão animada, interessante, lógica e sempre correcta.

A leitura só por meio de muitos exercícios deixará de ser hesitante e passará a corrente, como é preciso nesta classe.

Professor e alunos deverão ler várias vezes a lição, que deve ser pequena e ficar aprendida antes que a excessiva repetição traga o enfado da criança. Será sempre feita a explicação das palavras e do sentido, a fim de que nada fique por compreender.

Continuará o enriquecimento do vocabulário sob a direcção do professor, que forcejará por que os alunos adquiram o material preciso para os exercícios de composição.

Nestes empregar-se-ão frases muito simples, correctas e naturalmente concatenadas. Evitar-se há todo o arrefecimento da linguagem e velar-se há pela propriedade dos termos empregados.

Continuarão fáceis e breves, embora mais intensificados, os exercícios da memória. Pequenas poesias interessantes e musicais, sempre ao alcance e ao gosto das crianças, concorrerão para a formação do sentimento artístico dos pequenos alunos que já têm a intuição da beleza.

3.ª classe

A leitura corrente ir-se há ligando à leitura expressiva. O professor, que deve ler muito bem, lerá primeiro; os alunos imitarão a sua entoação, o seu ritmo, as suas inflexões. A perfeita compreensão do trecho, previamente explicado, é indispensável à sua boa leitura.

Virá agora oportunamente a iniciação gramatical: Começar-se há pela noção da frase. Da frase passar-se há à palavra, considerada como parte do discurso. Estudará-se primeiro as palavras flexivas, depois as inflexivas.

Virá a divisão das palavras em categorias gramaticais: os nomes, os pronomes, os verbos, os advérbios, as preposições e as conjunções.

Seguirá o estudo da flexão nominal e verbal, que se aprenderá indutivamente com exercícios e exemplos, e não por meio de regras e definições.

Continuarão os exercícios simples de redacção, que poderão ser as sínteses das lições explicadas quando a isso se prestem. Em tudo será exigido o emprego judicioso da pontuação e da acentuação.

Dar-se há maior extensão aos exercícios de memória utilizando a recitação de pequenas composições literárias.

Começarão nesta altura os ditados, mas preparados convenientemente, devendo as crianças ser previamente elucidadas sobre a grafia das palavras desconhecidas, e não obrigadas a adivinhar ou inventar a forma de as escrever.

Na gramática o método do ensino deve ir do exemplo à regra e da regra à aplicação. Em presença do texto, sem formular definições, o professor deve fazer compreender ao aluno a função do nome, do artigo, do adjectivo, do verbo, etc.

4.ª classe

A leitura, com resumo e explicação dos trechos da lição, tornar-se há correcta e expressiva.

Na escrita, sem embargo dos exercícios especiais de caligrafia, os alunos farão a aquisição definitiva da sua letra própria e característica.

Continuará o enriquecimento do vocabulário, não se devendo pôr de parte o regional.

O estudo da análise sintáctica, morfológica e fonética terá agora o seu lugar e a devida intensidade. O conhecimento das orações, sua classificação e seus componentes, tudo será feito sobre factos correntes da língua e sem subtilezas descabidas. O estudo dos elementos da palavra, por ser o mais abstracto, ficará para esta altura, em que o desenvolvimento dos alunos os habilita já para a classificação dos fonemas.

Far-se há, quanto possível, o estudo elementar da composição e derivação de vocábulos.

As composições escritas ir-se-ão intensificando e graduando em dificuldades. Primeiro, com tópicos dados; depois, versando tema livre. Mas importa não esquecer que a escola primária não deve pretender fazer estilistas, mas sim levar os alunos a exprimir-se fácil e correntemente por escrito. Aprenderão pois a redigir cartas, telegramas, recibos, declarações, requerimentos, exposições; enfim, qualquer documento de emprego diário na vida prática.

O ensino da análise será feito praticamente, isto é, deduzindo do exemplo a regra, sendo preferível que as frases sejam escritas no quadro preto, indicada com traços a divisão das orações e sublinhados os verbos nos modos finitos. O professor deve ter em consideração que os exercícios da análise servem principalmente para os alunos compreenderem o trecho e para aprenderem a construir correctamente as frases e a ligá-las na constituição dos períodos, de harmonia com as regras da sintaxe.

taxe, tendo sempre em vista a clareza e naturalidade da expressão.

O ensino prático das regras gramaticais serve ainda do valioso, se não indispensável auxílio, no estudo das línguas estrangeiras, permitindo a compreensão das analogias e diferenças nas funções das palavras, ligações sintáticas e construções de frases.

Aritmética

1.ª classe

O estudo de aritmética firmar-se há sempre em base concreta e gradualmente se irá elevando até o domínio abstracto.

Estabelecida a nomenclatura usual dos números, os exercícios começarão pela contagem dos objectos, etc., que primeiro não devem exceder a 9. Bem segura a contagem, progredindo e degradando, para que o lugar de cada número fique bem fixado, começam logo as demais combinações — adições, subtracções, multiplicações e divisões — com esses números, de começo apenas concretizados em objectos.

Em seguida, com estes números, iniciar-se hão os exercícios de cálculo mental, em sessões curtas mas muito frequentes, para construção e fixação das tábuas das operações e familiarização com os números.

Os problemas, muito simples, muito práticos e muito numerosos, começarão logo, derivando do ensino e dos casos correntes da vida familiar e social, e de modo que as crianças sejam levadas a raciocinar sobre cada enunciado, não as deixando nunca proceder por via de mnemonização sem significado e sem alcance educativo.

Virá depois a formação da unidade grupo: a dezena e a combinação dela com as unidades simples e depois a das dezenas entre si. Contagem dos números concretizados até 19. Muitas operações concretizadas com os números até esse limite. Formação das tábuas de adição e subtracção, uma em contraprova da outra. Números até 99. Separação dos grupos de dezenas: combinação em cada grupo com as unidades até 9. Representação destes números com figuras diferentes mas bem proporcionadas, para as dezenas e unidades; representação dos mesmos números com figuras iguais, mas colocadas em lugares distintos e ordenados, um para as unidades e outro à esquerda para as dezenas. Formação da centena.

Primeiras noções fundamentais da numeração. Escrita dos algarismos. Valor absoluto e relativo de cada algarismo; o zero. Escrita dos números conhecidos dos alunos.

Tábuas das operações: construção e uso delas.

Fixação das da adição e subtracção.

Aquisição gradual, por meio de exercícios, das da multiplicação e divisão.

2.ª classe

Revisões intensas da matéria da 1.ª classe. Intensificação e extensão do cálculo mental. Emprego rigoroso dos sinais das operações. O sinal =. Indicação de um cálculo simples e do seu resultado por meio de uma igualdade, que deve ficar sempre numa linha.

Formação da centena; combinação com as dezenas e unidades até 9; combinação das centenas entre si. Representação com figuras diferentes para acentuar o valor de cada unidade; representação com figuras iguais, mas dispostas em lugares distintos e ordenados da direita para a esquerda, a fim de ir encaminhando para a escrita dos números.

Números inteiros inferiores a 1000. Indicação e realização de operações com números de três algarismos. Tipo prático e tradicional das operações. Na multiplica-

ção e na divisão sempre dígito o multiplicador e o divisor.

Representação numérica do dinheiro português até 1\$. Emprego fundamental do sinal \$. Frisar que pode não ser precedido de zero nas quantias inferiores ao escudo, mas que à direita dele, para a representação dos centavos, são indispensáveis dois algarismos que só podem suprimir-se sendo ambos zeros. Problemas numerosos e simples, em que joguem os números que representem quantias até o limite indicado.

Formação do grupo milhar e sua combinação com os números menores e com as unidades simples. Operações com números do quatro algarismos. Exercícios e problemas numerosos. Multiplicações por inteiros inferiores a 100; divisões por número dígito.

Formação da dezena de milhar. Perfeito conhecimento dos números de cinco algarismos. Combinação do novo grupo com os números já conhecidos. Operações com números de cinco algarismos. Obtenção do produto e do cociente da divisão de um número inteiro escrito por um número dígito, sem figurar a operação ao modo ordinário; em especial, obtenção rápida do produto, por este processo, desde o dobro ao nêuplo de um inteiro, como exercício preparatório para a divisão.

Formação da centena de milhar. Combinação do novo grupo com os anteriores e com as unidades simples. Perfeito conhecimento dos números de seis algarismos. Operações com esses números.

Noção concretizada de fracção ordinária, do termos até 10, obtida pela divisão, em partes iguais, de um objecto apropriado ou de um segmento de recta, quando não seja possível de modo melhor. O meio ou a metade, o terço, o quarto, o quinto, o nono, o décimo. Leitura e escrita da fracção. O numerador, o denominador; sua significação e função. O traço característico, umas vezes horizontal, o mais vulgar, mas outras vezes oblíquo e dirigido da direita para a esquerda.

Representação numérica do dinheiro português. O conto ou milhar de escudos. O ponto, seu sinal indicativo. Problemas simples e numerosos que versam sobre a determinação de importância: compras, vendas, rendimentos, despesas, etc.

Numeração romana. Valor dos símbolos ou letras empregadas. Indução, pela prática, das regras de escrita dos números nesse sistema. Leitura e escrita de datas e de números ordinais na seriação de reis, papas, capítulos, etc.

3.ª classe

Nesta classe começará o estudo por uma revisão intensa da matéria da classe anterior.

Alargar-se há depois o campo dos números inteiros, fazendo-se notar na sua escrita e leitura o mecanismo simples e invariável da numeração decimal.

Continuarão as operações com estes números. Multiplicações por inteiros de quatro ou mais algarismos. Divisões em que o divisor tenha três ou mais algarismos. Casos especiais: multiplicação e divisão por números escritos com a unidade seguida de zeros ou outro algarismo também seguido de zeros. Multiplicador e divisor com zeros intercalados entre algarismos significativos. Divisões em que apareçam zeros no cociente. Divisões em que o número de algarismos do divisor é superior ao número de algarismos do dividendo. Número de produtos parciais determinado pelo número de algarismos significativos do multiplicador.

Noção de múltiplo e divisor de um número. Determinação dos restos da divisão de um número por 2, 3, 5, 9 ou 10, sem fazer a operação. Condições de divisibilidade de um número inteiro por qualquer desses números. Exercícios de experimentação e aplicação. Notar que todo o número divisível por 10 também o é por 2

e por 5, sem que a recíproca seja sempre exacta. Notar que todo o múltiplo de 9 também o é de 3, sem que todo o de 3 o seja também de 9.

Fracções decimais sob a forma ordinária: o décimo, o centésimo, o milésimo, o milionésimo. Fracções decimais sob outra forma: a décima, a centésima, a milésima, a milionésima. Extensão dos princípios de numeração dos inteiros aos números e fracções decimais. As quatro operações sobre números ou fracções decimais. Multiplicações e divisões por meio de deslocamento da vírgula.

Numerosos e variados exercícios e problemas. Exemplos de disposição escrita destes, com distinção nitida entre o enunciado, a resolução e a resposta ou solução deles.

Sistema métrico: conhecimento prático, sempre que seja possível, das diversas unidades de medir e de pesar. O metro, o decímetro, o duplo decímetro, o centímetro, o milímetro. O decâmetro na cadeia ou na fita métrica. O hectómetro e o quilómetro. Medição de segmentos de recta, traçados no papel, na lousa ou no quadro preto; medição de comprimentos, a decâmetros, com a cadeia métrica no terreno.

Exercícios de estimativa ou avaliação à vista de comprimentos, a exprimir em metros, decímetros ou centímetros. Representação dos números ou fracções decimais concretas obtidas; mudanças de unidade; expressão do mesmo comprimento em diversas unidades. Exercícios e problemas, que envolvam todas as operações, tendo o cuidado de que nas multiplicações o multiplicador seja sempre abstracto e nas divisões o divisor.

Gramas, múltiplos e submúltiplos. Pesagens, sempre que seja possível, na balança ordinária e na de Roberval, de massas até 10 quilogramas.

Avaliação de massas por estimativa; expressão do peso em quilogramas ou em gramas, conforme a massa avaliada. Representação dos resultados em números inteiros concretos ou fracções decimais concretas; mudança de unidade; expressão da mesma massa em diferentes unidades.

Exercícios e problemas que envolvam a execução de todas as operações, como com números expressos em comprimentos.

Sistema monetário português: conhecimento das moedas, notas ou cédulas em circulação. Contagem e representação de qualquer quantia. Exercícios e problemas numerosos.

Leitura e escrita de datas e números ordinais na se-
riação de reis, papas, capítulos, etc.

4.ª classe

Revisões da matéria da classe anterior, com o fim de verificar, fixar e completar os conhecimentos adquiridos.

Complementos do estudo das fracções. Fracções ordinárias de termos superiores a 10. O undécimo ou um onze avos; o duodécimo ou um doze avos; o vigésimo ou um vinte avos. Conversão da fracção ordinária em decimal. Meios de tornar a fracção um certo número de vezes maior ou menor. Verificação de que a fracção não muda de valor, multiplicando-lhe ou dividindo-lhe os dois termos pelo mesmo número. Aplicação deste princípio na redução de fracções ao mesmo denominador e na simplificação delas. Simplificação das fracções. As quatro operações sobre as fracções ordinárias. Números mixtos. Operações com os números inteiros combinados com as fracções. Nestas operações de inteiros combinados com fracções, deve dar-se sempre ao inteiro a forma fraccionária com a unidade por dominador para não se sobrecarregar a criança com muitas regras diferentes. Exercícios e problemas simples e numerosos que envolvam o cálculo com fracções ordinárias.

Noção de número complexo e incompleto. Complexos de tempo; complexos resultantes da medida de arcos de

círculo. Símbolos diferentes para os minutos e segundos de tempo (m. e s., respectivamente) e para os minutos e segundos de grau (' e ", também respectivamente). Redução do complexo a incompleto de qualquer das suas espécies, nomeadamente da ínfima espécie; redução de incompleto a completo. As quatro operações sobre complexos, com aplicação apenas às medidas de tempo e às divisões da circunferência. Nas multiplicações e divisões, o multiplicador e o divisor serão sempre abstractos. Fazer notar claramente que os princípios fundamentais em que se baseiam as operações sobre complexos são os mesmos que presidem às operações com os números ordinários, só com aplicação mais difícil e laboriosa, o que mostrará as grandes vantagens do sistema decimal da numeração.

Complemento do sistema métrico. As medidas de superfície ou de expressão das áreas; o metro quadrado, seus múltiplos e submúltiplos. As medidas agrárias: o are, o hectare, o miriare e o centiare.

Mostrar a sua identidade com as quadradas correspondentes. Relação de 1 para 100, em que estão umas e outras, mostrada intuitivamente.

Fazer notar que não são medidas effectivas, mas sim de conta ou de expressão.

Medidas de volume: o metro cúbico, o decímetro cúbico, o centímetro cúbico. Sua relação de 1 para 1000, mostrada intuitivamente. Notar que também não são medidas effectivas, mas apenas de expressão. Medidas de lenha ou de madeira: o estero, o decastere e o decistere. Sua relação de 1 para 10; sua correspondência com as cúbicas. Acentuar que o decastere corresponde a uma dezena de metros cúbicos, e o decistere a uma centena de decímetros cúbicos. Fazer notar que o estero é medida effectiva e mostrar intuitivamente, sendo possível, como se obtém um metro cúbico, quando os paus tenham comprimento superior ou inferior a um metro.

Medidas do volume interno ou capacidade: o litro, o decalitro, o centilitro e o mililitro. Mostrar as que são effectivas e as que não são, por muito grandes ou extremamente pequenas. Aplicação das effectivas, sempre que seja possível. Expressão das medidas em números concretos, mudança de unidade; a mesma capacidade expressa em números diferentes.

Adopção nestas, como em todas as medidas do sistema métrico, das abreviaturas ou símbolos oficiais. A exigência de aferição nestas medidas e nas de massa effectivas para poderem servir no comércio.

As grandes unidades de massa; a tonelada e o quintal, para a expressão das grandes cargas, em vagões de caminho de ferro e em navios, por exemplo.

Correspondência entre as medidas de volume, as de capacidade e as de massa (vulgarmente de peso): o metro cúbico, o quilolitro e a tonelada; o decímetro cúbico, o litro e o quilograma; o centímetro cúbico, o milímetro e o grama. Fazer notar que a correspondência indicada com as medidas de massa só se dá tratando-se da água pura e a 4º centígrados de temperatura.

Exercícios e problemas simples e numerosos, em que entrem em jogo números expressos em todas as medidas usuais do sistema métrico.

Geometria

3.ª classe

O estudo da geometria na escola primária começará pela noção intuitiva do volume, e dessa base concreta se elevará às noções abstractas, mas concretizáveis, de superfície, linha e ponto. Como exemplo de volume poderá fazer-se a apresentação do cubo ou de outro paralelepípedo. Em cada face de qualquer destes sólidos temos uma superfície; em cada aresta uma linha; em cada vértice de ângulo sólido um ponto.

Assim, no volume de mais simples determinação, se nos oferece a superfície mais simples, que é a plana e limitada, e no limite desta a linha mais simples, e também limitada, que é o segmento de recta. Nos extremos do segmento temos o ponto, que depois se notará igualmente no lugar de cruzamento de quaisquer linhas.

O segmento de recta, considerando-o indefinidamente prolongado num sentido, dá a semi-recta, que tem principio — ponto de origem — mas não tem fim; e o mesmo segmento, considerando-o da mesma maneira prolongado nos dois sentidos, dá a recta, que é ilimitada.

Em dois ou mais segmentos de recta, unidos por um dos extremos, apresentaremos a linha quebrada ou poligonal, que pode ser aberta ou fechada, côncava ou convexa.

A apresentação da superfície curva poderá fazer-se na esfera ou ainda no cilindro e no cone; não falta destes sólidos, far-se há notar, por exemplo, na casca lisa dos troncos das árvores ou nas próprias formas exteriores do corpo humano.

Passaremos a figurar a linha curva, notando que também pode ser aberta ou fechada, convexa ou côncava.

Combinando em seguida a linha recta com a curva tem-se a linha mixta.

Conhecidas as linhas, passar-se há ao estudo da posição da recta no espaço: a vertical, cuja direcção será dada pelo fio de prumo; a horizontal, que pode assentar completamente sobre a superfície das águas em repouso e em pequena extensão, e que o nível de água determinará nas aplicações práticas; a oblíqua, que tem outra qualquer direcção diferente da vertical e da horizontal.

A régua, sua verificação e emprego; o esquadro.

Far-se há o traçado de verticais, horizontais e oblíquas, estas dirigidas da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

Verificada a segurança dos conhecimentos adquiridos passar-se há ao estudo dos ângulos planos.

Traçando num plano duas semi-rectas com o mesmo ponto de origem, aquela superfície fica dividida em duas partes, ambas as quais se chamam ângulos. O vértice e os lados do ângulo. Espécies de ângulo: o ângulo recto, o agudo e o obtuso. Fazer notar que o ângulo recto tem valor fixo, ao passo que o não tem o agudo nem o obtuso. Fazer notar que os lados do ângulo não são o ângulo.

Mostrar que a grandeza do ângulo depende da abertura dos lados.

Divisão de um ângulo ao meio; bissectriz do ângulo. Traçado da bissectriz.

Exercícios de aplicação da régua e do esquadro.

Os polígonos. Polígonos regulares convexos. Polígonos irregulares. Nomenclatura. O triângulo: os vértices, a base e a altura do triângulo. Os quadriláteros. Paralelogramos e trapézios. O paralelogramo vulgar, o rectângulo, o quadrado, o losango. As bases e a altura dos paralelogramos e trapézios.

Decomposição central do polígono regular em triângulos iguais. Decomposição do polígono irregular em triângulos ou em triângulos e trapézios tirando a maior das diagonais e baixando sobre ela perpendiculares dos vértices livres.

A circunferência e o círculo. O raio, o diâmetro, a corda não diâmetro, a tangente e a secante rectilíneas. Arco de círculo. O segmento, o sector e a coroa circulares. Fazer notar que o arco é a linha, e o segmento, o sector e a coroa são superfícies, como partes do círculo. Frisar, tracejando as figuras. Circunferências concêntricas e excêntricas, interiores e exteriores; circunferências secantes; circunferências tangentes interior ou exteriormente.

4.ª classe

Noção muito sumária e prática sobre a medida dos arcos e dos ângulos. Conhecimento e emprego do transferidor. Notação em complexos da divisão sexagesimal da circunferência.

Avaliação prática da área do triângulo, do quadrado, do rectângulo ou de outro paralelogramo, do trapézio, de qualquer polígono regular ou irregular, pela soma dos triângulos ou dos triângulos e trapézios, em que se decompõem. Exercícios e problemas simples sobre cálculo de áreas.

Desenho

A criança deve começar pelo desenho livre onde, por vezes, a sua personalidade e aptidões já se afirmam. Deve seguir-se a cópia do natural: a criança terá diante de si o objecto que nunca se desenhara antecipadamente no quadro preto. Na 3.ª classe deve iniciar-se o desenho de illustração.

O papel a empregar no desenho deve ser liso, limpo e bem conservado. O papel quadriculado está abolido. A execução dos trabalhos deve presidir a limpeza e a correcção.

Se o aluno revelar propensão para esta disciplina, o professor proporcionar-lhe há todos os meios de manifestar a sua actividade e o seu sentimento estético.

Geografia

As primeiras noções geográficas deverão ser dadas fora da aula. O professor ensinará às crianças a maneira de se orientarem, dar-lhes há a idea do horizonte, mostrar-lhes há os accidentes da terra, o rio, a planície, familiarizando-as pouco a pouco com a nomenclatura geográfica. Um terreno com rampas e soccos, com um tanque ou presa, com rogos por onde corre a água, pode auxiliar eficazmente o estudo, dando idea dos relevos orográficos e dos cursos de água. As excursões ao campo, ao monte, à beira-mar, oferecem os melhores elementos para um ensino atraente e proveitoso, proporcionando às crianças conhecimentos rudimentares, mas nítidos, resultantes de impressões vivas e persistentes.

Deve o professor abster-se de antecipadamente formular definições. São as crianças que, depois de terem fixado a idea clara do que vêem, devem formar a definição, trabalho este em que serão dirigidas pelo professor. Só então a criança deve fixar a definição.

O professor fará compreender às crianças como pode ser representada a terra pelo globo e pelo mapa; mostrando-lhes no mapa a figuração dos relevos, rios e accidentes das costas, relacionará esta representação com as noções já adquiridas praticamente.

Ao falar da Península Ibérica, fará compreender aos alunos que Portugal e Espanha, formando embora um só corpo geográfico, são duas nações bem distintas e que há entre elas tão diferentes condições históricas, linguísticas e sociais que Portugal tem na península o seu lugar indiscutível e inconfundivelmente marcado como país independente.

As principais povoações de Portugal serão indicadas pela ordem da sua importância.

O estudo da geografia será feito de forma a estabelecer a mais íntima ligação com a nossa História. Ao mencionar o nome das povoações, será conveniente que o professor cite os factos históricos nela succedidos.

O professor não se deve esquecer de expor aos alunos que foi Portugal o povo que abriu ao mundo o caminho do mar e da civilização, e que nas conquistas e descobrimentos teve o nome mais glorioso de todos os povos. Fará despertar assim o amor da terra que é a nossa Pátria.

História

No estudo da História o professor dará sempre em traços gerais da vida nacional o desenho das grandes figuras que melhor representam o sentimento dos portugueses. E fará por aliar o ensino da História ao da corografia, ao da moral e ao da educação cívica.

No ensino da História o professor deverá fazer sempre a ligação dos factos da mesma natureza que formam a cadeia histórica característica de cada época. Assim:

Conquista do território (D. Afonso Henriques — D. Afonso III).

Conquistas de além-mar e descobrimentos (D. João I — D. Manuel I).

O professor deverá ter em consideração que este estudo não deve ser apenas um exercício de memória, mas a compreensão do valor dos factos pelo estabelecimento da relação entre as causas e os efeitos. Por isso, é pela associação dos acontecimentos históricos às suas determinantes e às suas consequências e pela sequência histórica que, sem esforço excessivo de memória, se podem adquirir os conhecimentos desta disciplina, preparação indispensável para se ter a consciência da importância de Portugal na marcha da civilização.

Quanto a datas, deverão fixar-se as que estão gravadas nos padrões da vida nacional: Independência, Aljubarrota, Restauração, conquista de Ceuta, etc.

Habituará o aluno a fazer breves exercícios de composição sobre as principais figuras e datas, enunciando assim os temas: Porque foi ilustre Egas Moniz? Porque é notável a data de 14 de Agosto de 1385? Quem foi que iniciou os descobrimentos marítimos? Quais foram os portugueses que mais se notabilizaram na Índia?

Quando os alunos estiverem bastante instruídos, os temas serão mais difíceis, nunca porém complicados.

Por exemplo:

¿Que monarcas favoreceram mais a agricultura, o comércio, a marinha, os municípios? ¿Que monarcas favoreceram mais a instrução? ¿Quais são as maiores figuras militares da nossa História? ¿Quais os nossos maiores marinheiros? ¿Qual a importância histórica da batalha do Salado?

Os bons álbuns históricos, as projecções, o cinematógrafo, as excursões, serão auxiliares excelentes, e também os quadros com os monumentos nacionais que se referem a vários factos e figuras ilustres da nossa História.

O professor deverá esforçar-se por fazer compreender a função civilizadora da actividade de Portugal no período dos descobrimentos, mostrando-lhes como os portugueses (governadores, missionários e marinheiros) foram os maiores difusores da civilização ocidental. Desta forma procurará criar no ânimo do aluno a consciência da responsabilidade que a todos os portugueses cabe como herdeiros de uma actividade oito vezes secular, em prol da civilização. Falando da colonização do Brasil e das explorações através de África, o professor terá ocasião de salientar que Portugal, povo criador de novos povos, tem ainda uma missão altíssima a cumprir nas colónias portuguesas, às quais todos nós devemos esforçar por transmitir o tipo de civilização a que pertencemos. Finalmente, extraindo do ensino da História Pátria todo o seu poder educativo, procurará criar no ânimo do aluno o conceito espiritual de Pátria, patenteando-lhe os laços que prendem os portugueses de hoje aos do passado e aos vindouros.

Sciências naturais

Esta disciplina tem de se revestir de um cunho tão prático quanto possível: lições de cousas, e nada mais.

É certo que a quasi totalidade das escolas são despro-

vidas de material didáctico, mas uma pequena parcela de boa vontade poderá suprir quasi sempre a deficiência desse material.

O método a empregar no ensino das sciências deve fundar-se na observação e experiência; o livro desempenhará um papel secundário.

Os assuntos tratados devem apresentar-se ao aluno sob uma forma atraente, para lhe despertar o interesse e o entusiasmo. E é sob este ponto de vista que o professor tem campo aberto para, quando se lhe proporcionar ocasião, expor ensinamentos que não estejam consignados no programa.

As plantas da localidade e a sua utilização, consoante o emprego de cada espécie, oferecem meios de satisfazer a curiosidade infantil e permitem a aquisição de conhecimentos indispensáveis à vida prática.

As excursões ao campo facilitam extraordinariamente o ensino da botânica; dentro das escolas, nos exemplares de plantas que os alunos facilmente conseguirão, objectiva-se o ensino das diversas partes da planta.

Ainda dentro da mesma orientação serão exemplificados os principais tipos de pedras e minérios mais importantes de Portugal, não esquecendo as suas aplicações. A propósito do granito, referir-se há o professor às pedras siliciosas (quartzites, pederneira ou sílex, vidro, etc.); falando de argila, não serão esquecidos o barro, as louças, as telhas, os teijolos; tratando do calcário, enumerará as pedras para cantaria, os mármore, a cal e o cimento. Em todo o caso, o professor nunca falará em exemplares que não possam ser directamente examinados pelos alunos.

Moral e educação cívica

O professor não deve limitar-se a ensinar preceitos, a expor exemplos: precisa sentir entusiasmo pelos grandes ideais da verdade, do bem, da beleza espiritual, e procurar transmitir à criança essas aspirações generosas.

Quando entram na escola, as crianças têm em geral uma ideia do bem e do mal; muitos conhecem princípios de moral derivados do ensino religioso, mas todas essas noções quasi sempre são muito superficiais e imprecisas. Por outro lado, encontram-se crianças que só têm o instinto do bem e do mal, porque nenhum ensinamento moral lhes foi ministrado.

Resulta destes factos que ao professor impende a grave, mas dignificadora missão de preparar essas crianças para o cumprimento dos seus deveres sociais. Este ensinamento é tão importante que dele depende o futuro das Pátrias e o bem da Humanidade. Deve animar todas as tendências generosas das crianças e aplaudir todos os actos que estejam de harmonia com os preceitos da verdadeira moral.

No ensino da moral deverá o professor evitar definições e que as crianças decorem regras ou façam enumerações de deveres, recitadas inconscientemente.

É absolutamente preciso fazer compreender às crianças a beleza dos preceitos morais, despertando-lhes um vivo sentimento de admiração pelas acções nobres ou uma natural repulsa pelos actos condenáveis. É principalmente ao exemplo que o professor deve recorrer.

Na alma delicada das crianças gravam-se indelévelmente as impressões recebidas. É por isso que aos espíritos infantis devem ser poupadas, o mais possível, as visões do mal, as scenas de horror, os quadros de miséria e de degradação. Nobres exemplos de amor pátrio, de abnegação heróica, de perseverança e de fé, de caridade e de amor, do triunfo da verdade e da justiça, devem ser o assunto das palestras e leituras.

É essencial que o professor, pela rectidão do seu procedimento, pela sinceridade e generosidade das suas intenções, pela afabilidade do seu trato, seja um exemplo para os seus alunos. Sem a força moral que resulta do

cumprimento rigoroso do seu dever e da prática dos seus ensinamentos, nenhum educador pode de modo algum realizar a sua missão, nem merecer a confiança das famílias e do Estado.

O objectivo do educador zeloso deve ser ministrar às crianças a aprendizagem da vida moral para que, quando cidadãos, embora separados por diferentes credos ou opiniões, tenham profundamente arreigados os sentimentos da dignidade própria e da generosidade. É nesta consciência do dever que todos os espíritos podem encontrar-se unidos no cumprimento da sua missão na vida. É este o verdadeiro alvo da educação moral.

Na 1.^a classe as palestras e leituras devem ser muito simples e atraentes, feitas de um modo claro e conciso, e conter sempre um ensinamento moral.

O professor ensinará as crianças a serem limpas, metódicas e delicadas; mostrar-lhes há que são o asseio e a delicadeza que nitidamente caracterizam o homem bem educado.

Na 2.^a classe as narrativas e contos morais devem ser mais desenvolvidos, mas sem perderem o seu carácter de simplicidade. O professor escolherá os assuntos de forma a dêes poder tirar exemplos de deveres para com a família. É um princípio de educação cívica, pois a prática dêesses deveres é essencial para adquirir as qualidades que precisa ter um bom cidadão.

Na 3.^a classe procurará criar nas almas infantis o culto da sinceridade, o amor ao trabalho, disposições de benovolência e bondade. Insistirá nos benefícios que resultam da ordem, da prática da higiene e do hábito de economia. Ensinará a criança a ser moderada, mostrando-lhe os males que resultam da intemperança e da precipitação. O professor deverá fortalecer a vontade da criança em tudo quanto fôr justo e razoável, habituando-a a ser corajosa, a dominar os seus arrebatamentos, a ter confiança em si própria, a ter fé no futuro e no triunfo da justiça e da verdade.

Para assunto das conversas familiares pode o professor recorrer à História (de preferência à História Pátria), às obras que referem a vida dos heróis do trabalho e da virtude, aos contos próprios o mesmo à fábula, devendo ter o cuidado de ensinar a criança a distinguir a ficção da verdade e a compreender o significado moral.

Na 4.^a classe deve o professor desenvolver e completar as noções ensinadas nas classes precedentes, pondo em evidência as qualidades essenciais que devem constituir o carácter do bom cidadão.

O professor dará aos alunos as noções de País, Nação e Estado.

Ensinar-lhes há que a autoridade é absolutamente necessária, pois sem ela os Estados seriam destruídos pela anarquia.

O princípio da autoridade é estabelecido pela lei, que merece um respeito absoluto quando não vá de encontro às imposições da consciência. Possuindo a consciência dos seus deveres, o aluno deve corrigir-se dos seus defeitos e fortificar as boas intenções pela prática do bem. Nisto consiste a educação de si próprio. É no sentido da utilidade geral que deve dirigir os seus esforços, venerando a justiça, exercendo a caridade.

O professor dará aos discípulos a noção de justiça, mostrando-lhes que o uso do direito deriva essencial e naturalmente do cumprimento do dever. O direito próprio é limitado pelo direito alheio; assim a moral estabelece o justo equilíbrio entre o direito e o dever. A caridade não consiste simplesmente no auxílio que se presta, no bem que se pratica; exige a compaixão pelo sofrimento, a delicadeza, o tato que, poupando a susceptibilidade alheia, faz aceitar sem relutância, antes com reconhecimento, o benefício recebido; exige o amor do próximo, que sabe adivinhar o infortúnio e se revela em actos de abnegação. É assim se chega à noção da soli-

dariedade humana, que, bem compreendida e praticada, traria a felicidade universal. Do sentimento da solidariedade humana resulta naturalmente a consideração por todos os povos civilizados. E, entre estes, merece-nos particular estima a Espanha, nossa irmã, e entranhado afecto o Brasil, que forma com Portugal uma só nacionalidade e afirma a vitalidade de uma raça das mais brilhantes tradições.

Evocando os feitos portugueses, o professor deve despertar na alma dos alunos o culto profundo da bandeira nacional, símbolo de uma Pátria aureolada pela mais refulgente glória. Por Portugal! Tal deve ser a divisa em que deve fixar os olhos todo o português digno deste nome.

Mesmo que Portugal fôsse simplesmente o cantinho da Europa na Península Ibérica, teriam os portugueses direito de erguer com altivez a cabeça, porque ninguém pode rasgar as páginas da nossa História. Mas Portugal possui ainda um rico domínio colonial, que nos coloca entre as maiores nações do mundo. É necessário que todos nós compreendamos, ou, melhor, tenhamos o sentimento de quanto vale o nome de Portuguezes.

A consciência dêesse valor deve fazer considerar como uma vergonhosa ofensa à Pátria apoucar o que seja portuguez, principalmente, na presença de estrangeiros; julgar como um criminoso desvario a atitude daqueles que, num impulso de revolta ou na cobardia do desalento, possam admitir a idea de Portugal perder a sua independência.

Por isso, impõe-se ao professor, como o mais patriótico dos deveres, avivar na alma das crianças o mais fervoroso amor pela Terra Portuguesa, fazendo-se-lhes sentir bem quanta felicidade, quam legítimo orgulho representa ser filho de Portugal.

Se a moral é a ciência que dirige o homem na prática do dever, a educação cívica é a parte da moral que prepara o cidadão para bem cumprir os seus deveres para com a Pátria. Compreende-se portanto a importância primordial do ensino da Moral na escola primária. Assim, embora o programa dêeste ensino seja estabelecido de uma forma sucinta, deve o professor não limitar o estudo da Moral às horas reservadas para êsse fim, mas principalmente aproveitar todos os ensejos (lições de leitura, história, ciências) para dar exemplos e conselhos aos alunos sobre a prática do bem e sobre o cumprimento do dever. A Educação Moral acompanhará assim todo o ensino primário para realizar de um modo efectivo a sua missão.

Trabalhos manuais

Sem pretender realizar obras de arte, um indivíduo normal pode chegar a modelar com sufficiente correcção, embora nem todas as pessoas tenham vocação para artistas.

Para a realização de trabalhos iguais ou idênticos, os alunos podem dividir-se em grupos.

Os trabalhos manuais, aos quais deve presidir o interesse e a disciplina, proporcionam a cada passo ocasiões de empregar a nomenclatura geométrica e conhecer com segurança as figuras geométricas e as suas propriedades importantes.

Convém conservar, durante toda a frequência de um aluno, alguns trabalhos por ele realizados ano a ano, porque só assim se conseguirão elementos para apreciação do seu desenvolvimento e das suas faculdades.

Nas exposições escolares devem apresentar-se convenientemente seriados os trabalhos de um aluno, porque só assim é possível avaliar da acção da escola.

A modelação, tanto livre como sugerida, pode iniciar-se com areia fina, seguindo-se a modelação com barro, plasticina ou outra substância plástica, imitando frutos

apresentados aos alunos, como maçãs, laranjas, bolotas, etc.

Por meio da dobragem, vincagem e rasgagem, podem obter-se quadrados e outros rectângulos, aproveitando-se o ensejo de associar rectângulos obtidos em papéis diversamente coloridos, empregando-se a repetição e a alternância.

A associação decorativa de quadrados e outros rectângulos e triângulos isósceles dará origem à formação de mosaicos, cercaduras e cantos.

Com a dobragem e recorte podem obter-se polígonos regulares: o hexágono, o dodecágono, o octógono, o polígono de dezasseis lados, etc.

Também darão origem a lindos mosaicos as associações de triângulos equiláteros, de quadrados, de hexágonos e octógonos regulares.

Os exercícios de cartonagem podem empregar papel e cartão: cortar, furar e debruar cartão, aplicando estes trabalhos na execução de pastas, bilheteiras, molduras, caixas, calendários, etc.

Os exercícios de cartonagem podem desenvolver-se, indo até a realização de objectos de percalina, como pastas, cartonagem de cadernos e livros escolares, caixas com tampas e divisórias, etc.

O recorte pode desenvolver-se até o recorte livre de sépalas, pétalas e outros motivos decorativos.

Os trabalhos em madeira dão margem à execução de curiosos objectos em que se revelam as aptidões e as tendências dos alunos.

Educação física

A existência de um ginásio, ainda que rudimentar, em todas as escolas, seria o ideal para o ensino desta disciplina, quanto mais não fôsse senão pelo valor do recinto coberto, no qual se pudessem realizar os exercícios em todas as estações.

No entanto, julgamos que a existência do ginásio não é imprescindível para se administrar o ensino de ginástica aos alunos das nossas escolas primárias, devendo contudo, na escolha do terreno, atender-se à boa disposição do mesmo.

A ginástica a administrar deve ser a ginástica educativa, que, longe de ser uma ginástica de parada, é, pelo contrário, uma ginástica de aperfeiçoamento e flexibilidade, porque substitui os movimentos automáticos por exercícios racionais que têm por fim aperfeiçoar a criança sob o ponto de vista físico.

Nada de ginástica acrobática, de agilidade ou destreza. São absolutamente inúteis ou prejudiciais as argolas e os trapézios, que determinam exercícios inúteis e perigosos.

Baseia-se a ginástica racional na anatomia e na fisiologia.

Para conservar a harmonia anatómica e fisiológica, isto é, para evitar a assimetria muscular, é preciso que o lado direito do corpo, por exemplo, trabalhe tanto como o lado esquerdo.

Os exercícios respiratórios, essencialmente fisiológicos, têm uma grande importância e devem empregar-se com frequência, segundo as necessidades da lição de ginástica. Estes exercícios devem ser empregados durante alguns instantes no decorrer das outras lições, uma vez ou outra, quando os alunos careçam de intensificar a respiração.

Compete ao professor velar constantemente pela atitude correcta dos alunos e pelo bom funcionamento do aparelho respiratório.

Por nos parecer aconselhável, estabelecemos o seguinte plano geral de ensino de ginástica:

Posição fundamental (posição de sentido);
Movimento da cabeça e do pescoço;

Movimentos dos membros superiores e inferiores;
Movimentos do tronco;
Equilíbrios;
Saltos;
Movimentos complexos (exercícios respiratórios e jogos).

O professor deve organizar planos de lições, de forma que cada uma delas seja constituída por uma série de movimentos destinados a:

- a) Activar a circulação do sangue e a respiração;
- b) Desenvolver harmonicamente o sistema muscular;
- c) Corrigir as posições viciosas;
- d) Dilatar a caixa torácica;
- e) Corrigir os desvios da coluna vertebral;
- f) Desenvolver harmonicamente o sistema muscular das diferentes partes do corpo.

A fim de não coarctar a expansibilidade natural da infância, após cada lição de ginástica ou no decorrer desta, que terá a duração máxima de trinta minutos, organizar-se-hão os jogos educativos sob a direcção do professor, que evitará atitudes viciosas; e, minutos antes da entrada na sala de aula, os alunos farão exercícios respiratórios.

Física

O calor; o ar; a água

O calor: os seus efeitos. Variações de volume. Mudanças de estado (corpos sólidos, líquidos e gasosos). Acção do calor sobre a água (ebulição ou fervura). Acção do frio sobre a água (gelo natural, neve). Corpos bons e maus condutores do calor. Vestuário, motivo de preferência dos maus condutores. Noção prática do termómetro. Temperatura.

O ar: sua utilidade para o homem, para os animais e para as plantas. O ar como força motriz. O vento. Utilização do ar em movimento. Ar viciado. Prejuízo que nos causa a permanência numa atmosfera viciada; precauções a tomar. Necessidade da ventilação dos quartos e das casas que habitamos.

A água (águas doces e salgadas): nascentes, rios, lagos, mares. Estados em que se encontra a água. Passagem da água ao estado de vapor. Ebulição e evaporação. Existência do vapor de água na atmosfera, condensação do vapor de água, nuvens, nevoeiro, orvalho e chuva. Existência do vapor de água no ar expirado. Passagem da água ao estado sólido: geada, saraivá. Águas potáveis: suas características. Perigos de utilizar uma água inquinada; meios de nos precavermos contra esse perigo: água fervida e água filtrada. A água e a limpeza.

A atenção do aluno há-de ter sido despertada muitas vezes por frequentes fenómenos caloríficos que não sabe explicar.

O professor deve realizar o ensino desta disciplina, sempre que seja possível, por meio de experiências feitas diante dos alunos: a água a ferver (ebulição); a secagem dum pedaço de pano molhado e estendido ao sol (evaporação); o derreter de uma vela de cera, sebo ou estearina (fusão); o fenómeno que se observa, quando a cera, o sebo ou a estearina, o chumbo ou o enxofre, depois de derretidos e arrefecidos, voltam ao estado sólido (solidificação); o desaparecimento do açúcar ou do sal deitado na água (dissolução); as gotas de água que aparecem no testro de uma panela com água quente (condensação).

Conhecidas estas noções, fácil será compreender a razão da existência da humidade do ar (evaporação dos mares, rios, lagos) e conseqüentemente a formação das nuvens, nevoeiros, etc.

Para podermos viver e gozar boa saúde, precisamos de respirar ar puro. Urge, portanto, ter todo o cuidado com a nossa casa, a fim de a arejar, mesmo que esteja frio.

A água é indispensável à vida humana; é a bebida mais higiénica e a que melhor ajuda a digestão.

Mas a água própria para consumo não deve ter micróbios nocivos, isto é, deve ser potável. Quando desconfiarmos da água, é conveniente filtrá-la ou fervê-la.

Os corpos aquecidos aumentam de volume (dilatação); quando arrefecem diminuem de volume (contração); lembrar a aplicação comum ao aro das rodas dos carros ou aos aros dos tonéis.

Havendo um termómetro, explicá-lo sumariamente.

Higiene

Higiene da alimentação; água para beber (necessidade, por vezes, da sua purificação para se evitarem doenças); alimentos puros. Bebidas alcoólicas: o álcool, as agnardentes e os licores são nocivos à saúde. O seu uso contínuo conduz ao alcoolismo, à loucura, ao atrofamento. A sua acção na inteligência e na vontade. O tabaco: perigos do seu uso para a saúde.

Higiene do corpo: lavagens, banhos.

Higiene do meio e da casa; o meio onde o homem vive torna-se forçosamente insalubre. Contaminação do ar e das águas. As poeiras. Perigos do escarrar para o chão. Micróbios: alguns são agentes causais de doenças infecciosas (tuberculose, tifo, enterites, cólera, peste, carbúnculo, tétano, difteria, etc.).

Insectos transmissores de doenças (pulgas, moscas, mosquitos). Parasitas. Impaludismo (papel dos mosquitos na transmissão desta doença).

A luta contra os micróbios e os parasitas. Necessidade de renovar o ar das casas, que deve ser o mais puro possível. Necessidade de muita luz solar nas casas por ser o melhor agente destruidor dos micróbios. Necessidade de uma alimentação abundante e sadia. Tuberculose: com boa alimentação, bom ar e boa luz nas casas, evita-se muito a tuberculose.

Para não alterar o bom funcionamento do aparelho digestivo são necessárias certas precauções: comer devagar e mastigar bem; ser sóbrio, não abusar de excitantes (pimenta, alho, vinagre, etc.); ter horas certas de refeição e com intervalos regulares; evitar exercícios violentos depois das refeições.

A alimentação varia consoante as ocupações, os climas e a idade. Um trabalhador braçal não pode ter alimentação igual à de um trabalhador intelectual, assim como quem trabalha pouco não deve comer muito.

Além da água, há outras bebidas (bebidas fermentadas) que, usadas com moderação, não prejudicam a saúde. As principais são o vinho e a cerveja. Ambas são tónicas. As crianças não se deve dar vinho.

São terríveis os efeitos do álcool no organismo; os órgãos que mais sofrem com ele são o cérebro, o fígado, os rins e o estômago.

O alcoólico tem pouca resistência às doenças e às operações cirúrgicas; num alcoólico uma ferida leva muito mais tempo a curar que num homem que o não é. O alcoólico é mau trabalhador, mau marido e mau pai, e os seus filhos herdaram a predisposição para o alcoolismo e para as doenças físicas e mentais.

Escusado é encarecer a necessidade da limpeza; basta recordar que a pele transpira e respira como os pulmões; portanto, é necessário limpá-la e estimular-lhe as funções próprias.

Mas os cuidados da limpeza não se limitam à pele. As mãos e as unhas sujas dão abrigo a muitos germes de doenças infecciosas; o ouvido, órgão muito delicado, ca-

rece de ser desembaraçado do cerume; o nariz e a garganta devem permitir uma respiração sem estorvos; os dentes carecem de estar bem conservados para bem dividirem os alimentos, sem o que a digestão é difícil; os olhos nunca devem ser esfregados com os dedos ou com um pano pouco limpo; e os cabelos e o coiro cabeludo precisam de ser convenientemente tratados, para se evitar a queda precoce dos cabelos.

Sobre doenças, o professor poderá captar extraordinariamente a atenção do aluno, falando-lhe nos seres muitíssimo pequenos e na defesa natural do nosso organismo por meio dos glóbulos brancos do sangue, explicando-lhe que a doença sobrevém sempre que o glóbulo fica vencido na luta com o micróbio, aproveitando a ocasião de evidenciar que o alcoolismo e o tabagismo são dois factores importantes da fraqueza orgânica, que é uma porta aberta para todas as doenças.

Os micróbios reproduzem-se e multiplicam-se rapidamente. Pululam em torno de nós: na água, nas poeiras, na pele, na boca e no nariz.

Mas muitos são-nos úteis, porque ajudam a digestão, decompõem as matérias orgânicas que servem de alimento às plantas, são indispensáveis no fabrico do vinho, da cerveja, do pão, etc., de onde vem o dizer-se que sem eles a vida seria impossível.

Também há muitos micróbios nocivos, porque, desenvolvendo-se no nosso corpo, dão origem a doenças infecciosas: a febre tifóide, a pneumonia, a difteria, a tuberculose, etc. Estes micróbios passam da pessoa doente para a pessoa sã, por meio das águas, do ar e dos alimentos em que os doentes já tocaram e também aproveitam a menor ferida ou incisão para entrar no nosso organismo.

Devemos portanto acautelar-nos das doenças infecciosas, mantendo o asseio dos quartos, e sobretudo dos cantos, onde as poeiras tendem a acumular-se, arejando os compartimentos e deixando-os inundar de sol.

Deve fazer-se uma guerra implacável às moscas, que são agentes de contaminação. Guerra sem tréguas deve também fazer-se aos mosquitos. E, falando em mosquitos, referir-nos hemos à insalubridade das povoações em que há pântanos ou águas estagnadas.

A prudência manda que nunca se ocupe um quarto ou casa sem prévia desinfecção.

A luz é tão necessária à saúde como o ar. A obscuridade estiola e mata. A luz mais bela é a do sol. O sol é o mais poderoso destruidor dos micróbios. Hoje empregam-se com excelentes resultados as curas de ar e de sol. Por isso a casa que se procura para morada deve ter boa orientação: livre dos ventos frios e húmidos, e soalheira.

É no quarto de dormir que passamos uma grande parte da nossa vida. Muitas pessoas, a fim de destinarem o melhor compartimento à sala das visitas, escolhem as piores dependências da casa para quartos. É um grande erro.

De dia arejemos pois bastante o quarto de dormir. E de noite também, deixando entreaberta uma janela ou abrindo uma outra de um compartimento próximo.

Agricultura

A terra arável: terrenos siliciosos (a maior parte do País), terrenos calcários, terrenos argilosos, terrenos húmidos. Exemplificar: terrenos siliciosos (as Beiras, Trás-os-Montes, Alentejo); terrenos calcários (Estremadura, Algarve); terrenos argilosos ou mistos (Ribatejo, bacias inferiores do Lis e do Mondego).

Necessidade de adubos, correctivos. Sementes, regas, drenagens. Afolhamentos. Generalidades sobre as culturas e fabricações mais importantes em Portugal; cereais (moagem, pão), vinhas (vinho), oliveais (azeite). A cor-

tiça. Pomares e hortas. Arborização. Animais domésticos úteis à lavoura. Fabrico da manteiga e do queijo. A lã. Aves domésticas e sua importância. Os ovos. Aves insectívoras. Insectos úteis e prejudiciais à agricultura. As abelhas; noções rudimentaríssimas de apicultura.

Seria conveniente que, nas escolas onde houvesse terreno que a isso se prestasse, os alunos ensaiassem algumas culturas, mais vulgares, de cereais e legumes, em canteiros ao cuidado das próprias crianças.

Fazer conhecer a flora da localidade, as suas espécies, as vantagens que o homem colhe das plantas, utilizando-as na sua alimentação e na dos animais domésticos, nas indústrias, no aquecimento, na medicina, etc., deve merecer cuidado especial ao professor, que terá sempre em vista radicar no espírito da criança o amor e o culto pela árvore, da qual colhemos inumeráveis benefícios.

Nas excursões que se realizarem, o professor e alunos deverão conquistar elementos para a organização de um herbário escolar.

Ao falar dos insectos nocivos à agricultura, vem a propósito referir-se às aves, fazendo realçar os benefícios que elas prestam destruindo-os.

Mostrar-lhes que, embora colham alguns grãos de semente, esses pequenos prejuízos são insignificantes comparados com os relevantes serviços que nos prestam libertando os terrenos dos animais daninhos; o mesmo sucede com o sapo, a toupeira e o morcego, devendo combater-se os preconceitos contra esses animais.

Por meio de lições de cousas, bem orientadas e dirigidas, o educador pode e deve ministrar um ensino proveitoso, em ordem a pôr em evidência o valor da agricultura no nosso País.

As noções de agricultura devem também ter em vista o amor pela terra, que alimenta os animais, os vegetais, as indústrias mais variadas.

Esse sentimento tem ainda o valor de contrariar a corrente de urbanismo que desvia da terra-mãe aqueles que, num sonho de ambição, trocam a vida simples e feliz da aldeia pela vida da cidade, onde vêm estiolar-se e exercer muitas vezes lugares de ordem inferior.

Economia doméstica

Esta disciplina, completamente descuidada na escola, deve falar ao espírito de observação e interessar mais o raciocínio do que a memória.

A Humanidade evoluciona no sentido de uma compreensão mais exacta e mais completa dos seus actos.

Assim como o artífice conhece a razão das diversas operações que executa, assim também a dona de casa precisa de compreender a razão dos trabalhos que faz para que possa tornar-se melhor dona de casa.

A economia doméstica terá pois por fim ministrar às meninas os conhecimentos indispensáveis para que possam auxiliar as suas mães nos trabalhos caseiros ou substituí-las na sua ausência, abrindo-lhes o caminho de se tornarem excelentes donas de casa que saibam cozinhar, fazer barreira, olhar pelo azeite da casa, talhar, coser e consertar as peças de vestuário da família e que não desconheçam o valor da higiene.

Dois partes fundamentais pretendemos que toda a aluna das escolas primárias conheça, dentro da latitude acessível ao seu intellecto:

- 1.º Noções de higiene geral e aplicada;
- 2.º Alimentação e culinária.

Se o azeite é a elegância do pobre, a ordem é o método caseiro, a economia é o complemento do azeite e da ordem, a actividade, com o espírito de organização e ini-

ciativa, consegue o máximo proveito com o mínimo esforço.

Não é preciso ser-se rico para se andar bem vestido. Uma menina cuidadosa evita sempre sujar o vestuário, porque desta forma fá-lo durar mais tempo. Os cuidados evitarão as nódoas e os rasgos. Se uma nódoa aparecer, deve tirar-se imediatamente.

E preciso saber combater a traça e conservar o calçado.

O azeite da roupa branca é indispensável à saúde e ao bom estar físico. ¿Quais são as diferentes operações que conduzem ao azeite dessa roupa?

As meninas devem saber como se fazem as arrumações: que o vestuário se deve limpar fora de casa; que o soalho, antes de varrido, deve ser, pelo menos, humedecido para evitar o levantamento da poeira; que os móveis devem ser limpos com um pano que se sacode também fora de casa, etc.

Nas longas noites de inverno temos de lançar mão da luz artificial. ¿E quais são os meios de que nos servimos para obter essa luz?

¿Quais são as vantagens e os inconvenientes desses meios diferentes?

O calor é necessário à vida humana; o calor artificial é indispensável para os inumeráveis usos caseiros, e sobretudo para a cozedura dos alimentos.

¿E como se consegue esse calor? De que meios nos podemos servir? E que cuidados devemos ter em vista? Não será em volta do lar da família que se concentra a vida íntima da casa?

Os móveis do quarto devem ser poucos, devem reduzir-se ao necessário.

A sala de jantar deve ser hospitaleira e alegre, porque é nela que, à hora da refeição, se reúnem todos os membros da família que durante o dia andam mais ou menos dispersos.

Na sala de jantar deve haver uma perfeita ordem e azeite. Um flores completarão o encanto. É na sala de jantar que muitas vezes se recebem os nossos amigos, que nela devem achar curtas as horas passadas entre nós.

Esta sala não precisa de luxo, mas sim de harmonia de formas. Uns quadros dispersos pelas paredes alegrarão o conjunto. Os móveis da sala de jantar devem ser limpos para se conservarem.

É nos dias de festa que a sala de jantar toma o seu aspecto mais risonho. ¿E como se põe então a mesa? E quando deve levantar-se?

A cozinha deve ter muito ar e muita luz. O azeite deve ser irrepreensível, porque é lá que se preparam os alimentos.

As meninas convém saber os cuidados a ter com todo o material de cozinha, com a sua disposição e conservação, porque é nesta dependência que a dona da casa passa uma grande parte do seu tempo.

O nosso corpo é formado de uma infinidade de pequenas células; umas destas formam os músculos, outras o sangue, outras os ossos, etc.

Com o uso, estas células gastam-se, exactamente como as diferentes peças de uma máquina; para reparar as suas perdas temos os alimentos.

Há muitas substâncias que satisfazem ao fim que a razão alimentar tem em vista, tais como o pão, as ervilhas, os feijões, etc. Mas o nosso organismo carece de outras substâncias; o fósforo, indispensável aos ossos e ao sistema nervoso, e que se encontra nas carnes, no peixe e nas gemas de ovos; a cal, necessária aos ossos, e que existe no leite, por exemplo; o ferro, preciso ao sangue, e que entra na composição de certas frutas e legumes.

Além de tudo isto necessitamos de água e de sal.

Ora a dona da casa precisa de conhecer a natureza e o valor dos alimentos, para os poder associar convenientemente, a fim de que se possam fornecer ao organismo os materiais necessários.

A hora fixada deve estar pronta a refeição, durante a qual haverá sempre bom humor.

A culinária consiste em escolher, preparar e cozer os alimentos, para que estes adquiram todas as qualidades nutritivas. Consequentemente, a culinária tem um duplo fim: destruir os germes perigosos que por acaso os alimentos contenham, e prepará-los para uma boa digestão.

As donas de casa devem dar o exemplo de uma grande sobriedade, e só a idea do bem que possam praticar as deve impulsionar à luta contra o alcoolismo.

O leite é, por excelência, o alimento completo. Convém saber conservá-lo, esterilizá-lo e prepará-lo; também é necessário conhecer os cuidados com o biberão para não alectar a saúde da criança.

É útil conhecer a composição dos ovos, assim como reconhecer se são ou não frescos e saber conservá-los e prepará-los.

Quanto às carnes, é conveniente conhecer o valor da carne dos diversos animais, avaliar pelo aspecto se uma carne é de boa ou má qualidade, e bem assim saber conservá-la.

Relativamente aos legumes e à fruta, é de grande conveniência conhecer o seu valor alimentar e o modo de conservação.

Toda a dona de casa deve saber fazer um caldo ou uma sopa, que é o melhor dos aperitivos; excita o apetite e provoca a secreção dos sucos digestivos. A dona de casa também não deve ignorar como se fazem os diversos guisados, a cozedura de legumes, as diversas preparações do peixe e dos molhos.

Respeitar os frutos do trabalho é respeitar o próprio trabalho. Por isso, numa casa bem dirigida, a dona de casa e as filhas não deixam perder-se nada.

Convém portanto que se saibam utilizar dos restos das carnes e dos legumes, dos restos do pão, etc.

O pão nunca se deve estragar; custou muitas canseiras ao lavrador e muitos trabalhos aos nossos pais. E quantos o não têm!

E como se conhece se o pão é bom?

E como se preparam as massas alimentícias?

Uma casa faz sempre muita despesa e o chefe de família ganha muitas vezes com muitas fadigas o pão de cada dia; portanto, a dona de casa só deve comprar o que fôr rigorosamente útil e em razoáveis condições de preços; por isso, procura conhecer o valor das cousas

para estar ao facto da sua qualidade e do seu verdadeiro preço, a fim de que saiba comprar para defender a bolsa da família. Convém de preferência que se dirija a casas que têm preços fixos indicados e, se fôr possível, comprar por junto um certo número de artigos, como o vinho, o carvão, a lenha e artigos de mercearia, porque se poupa tempo e dinheiro; o ideal seria comprar a pronto pagamento, porque, além de os negociantes não serem perder fregueses desta natureza, fazem-se melhor as contas e com mais facilidade se reduzem as despesas.

Comprar fiado oferece o perigo de se adquirirem, por vezes, cousas inúteis que ficam sempre mais caras.

É de recomendar o estabelecimento de cooperativas.

Em todas as casas deve haver uma balança que, além de ser necessária para certas preparações culinárias, serve também para verificar o peso dos géneros que se mandaram comprar.

Observação final

Nas localidades de pesca e de outras indústrias especiais, o professor consagrará menor atenção à agricultura e poderá falar aos seus alunos sobre as questões que mais interessem essas regiões.

Paços do Governo da República, 13 de Abril de 1929.—O Ministro da Instrução Pública, *Gustavo Cordeiro Ramos*.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Direcção Geral dos Serviços Pecuários

Divisão da Estatística Pecuária

Rectificação ao artigo 2.º do decreto n.º 16:705, que manda aplicar ao distrito de Évora as disposições do decreto n.º 16:180:

Artigo 2.º O arrolamento do gado bovino leiteiro existente no distrito de Évora far-se há segundo as normas do decreto n.º 16:341, de 31 de Dezembro de 1928, referindo-se o respectivo manifesto ao dia 20 de Abril do corrente ano, devendo observar-se, entre as outras operações do arrolamento, os espaços de tempo no mesmo diploma estabelecidos.

Direcção Geral dos Serviços Pecuários, 11 de Abril de 1929.—O Director Geral, *Artur Figueiroa Rêgo*.